

Título: Desinformação fóssil

THEO: Oi gente! Eu sei que a COP30 já ficou no passado pra muita gente, mas a real é que ela rendeu muita informação aqui para o Ciência Suja e segue gerando repercussões. Então essa pílula aqui vai voltar para a conferência e trazer outro assunto bem importante, na voz da nossa Meghie Rodrigues. Bom episódio!

– INÍCIO DO EPISÓDIO –

VÍDEO DO CARLOS NOBRE NA CENARIUM

Sem dúvida, a ciência mostra que, se a gente continuar degradando as florestas tropicais, a gente vai talvez ter entre um e duas pandemias por década.

MEGHIE: Aí você ouviu o Carlos Nobre, um dos cientistas mais renomados do mundo na área do clima. Ele deu essa declaração para a revista *Cenarium* durante a COP30, a conferência da ONU sobre mudanças climáticas que aconteceu em Belém recentemente. O Carlos era uma figurinha carimbada lá na Blue Zone, a área das negociações. A gente via ele toda hora gastando muita saliva e sola do sapato para fazer valer a voz da ciência no evento. Ele fez parte de um comitê científico encarregado de pautar os negociadores com evidências científicas sobre a crise climática. Foi a primeira vez que algo do tipo aconteceu na COP.

MEGHIE: E esse vídeo do Carlos Nobre logo se tornou um dos mais vistos do Instagram da Cenarium sobre o evento, com 160 mil visualizações. Ele também tem mais de 500 comentários, a maioria deles bizarros. Afinal, juntou duas pautas importantes do negacionismo científico atual: pandemia e meio ambiente. Tinha umas coisas do tipo:

COMENTÁRIO 1

Mentira! A pandemia foi criada, A COVID 19 foi criada, e não natural! E o ecossistema não é afetado como eles falam pela unanimidade, não globalmente! Só para exemplificar, a Amazônia ocupa menos de 1% do território global. Como ela poderia ser o pulmão da terra?

COMENTÁRIO 2

Uma coisa não tem nada a ver com a outra, mas tenho certeza que terá pessoas que irão concordar com este senhor senil.

MEGHIE: Mas uma coisa tem tudo a ver com a outra sim. E o próprio Carlos Nobre, que falou com a gente, explica.

CARLOS NOBRE

A degradação das florestas tropicais de todo mundo gera um gigantesco risco para nós, humanos: as epidemias e as pandemias. A degradação da floresta tropical da África gerou duas pandemias: Ebola e HIV. O ano passado, pela primeira vez na história desses 500 anos desde que os europeus chegaram aqui, duas epidemias: febre amarela ou febre oropouche. Febre oropouche espalhou pelo Brasil todo. A ciência mostra 48 zoonoses, vírus que podem virar epidemias, inclusive pandemias.

MEGHIE: Sério, gente: eu queria ter a autoestima da galera que sai comentando absurdo em postagem com o Carlos Nobre. Mas é isso: além da missão FLOP30, que a gente mencionou na primeira pílula especial da COP30, as mudanças climáticas estão sendo alvo de muita, mas muita desinformação online. Tem umas teorias da conspiração mais doidas mesmo; ou afirmações supostamente científicas, mas distorcidas, como essa história de a Amazônia não ser importante porque só ocupa 1% do território global. Não é o tamanho de um ecossistema que faz ele ser importante.

CARLOS NOBRE

Mas o outro, bastante óbvio, que a pessoa que fez esse comentário é ignorante de ciência, a Amazônia absorveu em milhões e milhões de anos uma gigantesca quantidade de gás carbônico. Se a gente continuar com aquecimento global e com desmatamento, em 30 a 50 anos, nós vamos perder 70% da Amazônia. Autodegradação, vai ficar um ecossistema super degradado. Vai liberar mais de 250 bilhões de toneladas de gás carbônico.

MEGHIE: Eles também falam que os eventos extremos sempre aconteceram, o que é verdade. O negócio é que a frequência aumentou, hoje eles são muito mais comuns. Também dizem por aí que as mortes pelo clima diminuíram no último século. Isso é parcialmente verdade, porque tem menos gente morrendo de frio e hoje é possível se antecipar e se preparar melhor para eventos extremos. Só que as mortes por calor estão aumentando.

MEGHIE: E tem também um ataque coordenado contra a COP30 – que merece, sim, suas críticas, como a gente discutiu bem no mesacast sobre os desafios da ciência na COP. O ponto aqui é que o pessoal está atacando a própria finalidade da COP e negando as evidências sobre as mudanças climáticas. Para vocês terem ideia, o Leandro Narloch, que a gente mencionou na pílula da FLOP30, chegou a instalar um outdoor em Belém com essa informação, entre aspas, de que as mortes por clima caíram.

MEGHIE: E essa campanha difamatória começou bem antes da COP. Um relatório recente do Observatório da Integridade da Informação e do Climate Action Against Disinformation (CAAD) aponta um aumento de 267% na desinformação relacionada à COP entre julho e setembro.

MEGHIE: Eles detectaram mais de 14 mil exemplos na internet, enquanto outras análises trouxeram dados de milhões de pessoas impactadas. Isso não é exatamente uma novidade. Há anos os cientistas estão de olho na desinformação sobre o meio ambiente e no seu potencial danoso. Mas o problema parece estar piorando. Não à toa, essa é a primeira vez que a COP discute a integridade da informação climática.

CHARLOTTE SCADDAN *[traduzido]*

Queremos realmente transmitir a mensagem aos governos — mas também a todos os demais — de que não conseguiremos alcançar nossas metas climáticas acordadas internacionalmente se não enfrentarmos os riscos presentes no nosso espaço informacional.

MEGHIE: Aí você ouviu a Charlotte Scaddan, conselheira sênior das Nações Unidas para Integridade da Informação. Ela é uma das lideranças que encabeçam a Iniciativa Global para a Integridade da Informação sobre a Mudança do Clima e eu a entrevistei em Belém.

MEGHIE: A Charlotte participou de uma plenária que propôs uma declaração formal reconhecendo a gravidade do tema. Esse documento foi assinado por 18 países, incluindo o Brasil, que participou ativamente da sua elaboração.

MEGHIE: Sim, gente: como temos cada vez mais aprendido no Ciência Suja, a desinformação climática não é só uma bobeira em um comentário no vídeo do Carlos Nobre. Essa desinformação nas redes sociais até preocupa o pessoal, mas isso é a superfície. As raízes do problema são tão profundas quanto os poços para extrair petróleo no pré-sal.

MEGHIE: Está todo mundo careca de saber que os combustíveis fósseis são a principal causa das mudanças climáticas. Mesmo assim, o termo nem foi mencionado em nenhum compromisso formal na história das COPs. Só na COP28 que se falou em uma “transição para longe dos combustíveis fósseis”, sem nenhum detalhe, uma coisa super vaga. E agora em Belém o tema também não estava na agenda, mas foi proposto por fora pelo Brasil. Até parecia que ia, mas não foi.

MEGHIE: Estranho, né? O principal problema pro aquecimento global ficando de fora de todas as decisões importantes de todas as COPs. Sabe como essa mágica acontece? Com uma baita ajuda da desinformação espalhada por lobistas dentro das próprias COPs e dos governos.

MEGHIE: Escute só a Kate Cell, que é da Union of Concerned Scientists, a União dos Cientistas Preocupados. E, sim, o nome dessa entidade é muito bom.

KATE CELL *[traduzido]*

Um em cada 25 participantes da COP é um lobista do combustível fóssil. É isso, é uma loucura!

MEGHIE: Talvez não dê para ouvir por causa da tradução, mas tinha uma mulher fazendo um “uou” no meio da fala da Kate. Então, é a Amy Westervelt, jornalista independente que há décadas investiga as artimanhas da indústria dos combustíveis fósseis. Eu conversei com as duas em Belém.

MEGHIE: Enfim, fato é que tinham 1 600 lobistas na COP. Seria a segunda maior delegação. Só perderia pro Brasil, país anfitrião. Para você ter ideia, 360 indígenas foram credenciados para a Blue Zone. E o comitê dos cientistas tinha 11 pessoas. Claro que tinha muito cientista ali fazendo parte de outras frentes, mas quem será que é mais ouvido? Acho que os resultados frustrantes da COP respondem isso.

MEGHIE: Lá dentro, esses lobistas minimizam esforços para reduzir emissões e ficam defendendo o uso de soluções tecnológicas, como a geoengenharia, para capturar carbono da atmosfera. E não pense que é fácil saber quem é lobista, não.

KATE CELL *[traduzido]*

Uma das coisas interessantes é que é muito difícil descobrir quem aqui é, de fato, um lobista, porque eles não são identificados dessa forma. Muito frequentemente, são credenciados como parte de delegações das nações.

MEGHIE: Está aí a Kate de novo. Já a Charlotte Scaddan, da ONU, explicou que a ação deste setor é uma das principais preocupações no campo da desinformação climática. A Chloé Pinheiro, nossa produtora, falou sobre isso com ela depois, por mensagem. Vou ler a resposta dela para vocês: “A indústria dos fósseis tem um histórico de décadas de esforço em negar, distorcer e atrasar *[ações contra o uso de combustíveis fósseis]*. Eles usam muitas táticas para minar a integridade da informação, incluindo *greenwashing* e fazendo autoridades acreditarem que o público se opõe à ação climática, quando na verdade é o contrário”.

MEGHIE: A coisa é intensa mesmo, e dá resultado. Para dar um exemplo: depois de muita discussão na COP30, a presidente da União Europeia afirmou que o bloco não é contra os combustíveis fósseis, mas, sim, contra as emissões de gases poluentes geradas por eles. Como se a imensa maioria das emissões não viessem justamente dos fósseis. E como se a gente tivesse tecnologia para lidar com toda essa poluição. Um spoiler aqui: não temos e não teremos tão cedo. A gente falou disso no episódio Picaretagens para adiar o fim do mundo.

MEGHIE: Essa desinformação mais institucional também se espalha para a população, incluindo aí as redes sociais. E isso não é achismo. As petroleiras gastam muito dinheiro todos os anos para moldar a opinião pública. Em 2023, elas torraram mais de 5 milhões de dólares em anúncios na Meta, a dona do Facebook e do Instagram, para desacreditar a COP28, revelou um relatório recente do CAAD. Pois é, eles pagam para te convencer que a COP não funciona para nada, mas, enquanto isso, estão lá disputando espaço nas negociações.

MEGHIE: Aliás, a Amy Westervelt, aquela jornalista independente de meio ambiente que soltou uns “uaus” na fala da Kate Cell, estava afirmando que tem uma espécie de “aliança profana” entre as big techs e as big oil, como as petroleiras são chamadas em inglês. Escute ela aí:

AMY WESTERVELT *[traduzido]*

Estou vendo muito esse discurso de “IA para o bem”, estou vendo muito de geoengenharia, todas essas coisas. E parte disso está, sim, sendo financiada e impulsionada pela indústria de combustíveis fósseis. E parte está sendo financiada pelos novos amigos deles na indústria de tecnologia. Eles andam de mãos dadas, porque o pessoal do petróleo é um dos maiores clientes do pessoal da tecnologia.

MEGHIE: É um ganha-ganha: as plataformas levam dinheiro de propaganda das petroleiras enquanto mantém os usuários mais engajados na desinformação. Fora que a pauta ambiental também não interessa muito pras Big Techs, já que elas estão investindo pesado na inteligência artificial, e a inteligência artificial exige data centers, umas estruturas colossais cheias de computadores de última geração que drenam recursos naturais. Algo que a gente já abordou no episódio “Vale tudo pelos data centers”, de setembro do ano passado.

MEGHIE: A inteligência artificial, inclusive, estava sendo vendida como uma das soluções para a crise do clima na COP, em painéis e eventos paralelos. Tem um artigo muito bom sobre isso da Laís Martins, do Intercept. Parece fazer tudo parte de uma grande estratégia de “deixa o pau torar que os gurus da tecnologia resolvem depois”.

MEGHIE: E tem também uma ideologia política envolvida nisso tudo.

AMY WESTERVELT *[traduzido]*

Muito do que estou vendo é essa rejeição da própria ideia de colaboração global e de governança global, tanto neste tema quanto em qualquer outro. Muitos grupos de direita em países do mundo inteiro parecem, cada vez mais, defender esse discurso do tipo: “a gente quer cuidar só do que é nosso, e o resto que se vire”. Não queremos a União Europeia nos dizendo o que fazer e não queremos a ONU nos dizendo o que fazer.

MEGHIE: E isso tudo cai como uma luva para qualquer grande empresa que cause danos à sociedade e queira fugir da regulação. Na verdade, para a Kate Cell, da União dos Cientistas Preocupados, essa ascensão da extrema direita pautada em desinformação é parte da estratégia das petroleiras.

KATE CELL *[traduzido]*

Não é por acaso que eles estão financiando o movimento anti-trans nos Estados Unidos. Não é por acaso que estão financiando a redução dos direitos das mulheres em todos os lugares. Ou campanhas anti-negros, anti-pardos. Isso é deliberado para fomentar ações antidemocráticas e o aumento do autoritarismo, porque, uma vez que conseguem isso, enfrentam muito menos resistência por parte da população. Você silenciou as pessoas — os 89% da população global que querem mais ação.

MEGHIE: Parece mentira, mas o CAAD também mostra que 80% das principais organizações anti-trans dos Estados Unidos receberam financiamento do setor de combustíveis fósseis. Diz o relatório deles:

RELATÓRIO DO CAAD

Essas organizações têm usado as questões interseccionais da “guerra cultural” para recrutar membros da “machosfera” porque, embora a desinformação climática não seja algo popular, culpar outros com a ajuda das big techs aparentemente é uma maneira viável de consolidar ainda mais o apoio entre homens (principalmente brancos e conservadores).

MEGHIE: O clima, assim como a saúde na pandemia, virou mais uma arma da polarização política – embora também tenha negacionista de esquerda achando que a gente ainda vai ter mais benefício do que problema extraíndo petróleo. É um buraco que a gente ainda entende pouco, mas que vai muito além de comentários cheios de autoestima nas redes sociais. Um dos objetivos do comitê de integridade da informação é entender tudo isso.

CHARLOTTE SCADDAN *[traduzido]*

Um objetivo é fortalecer a pesquisa, porque, para poder lidar com esse problema, precisamos realmente compreender o que está acontecendo. E não temos pesquisa suficientes que não estejam em inglês e que sejam produzidas na maioria dos países do mundo.

MEGHIE: Vai ser preciso chafurdar em poços lamacentos para desvendar os mecanismos da desinformação climática, e que papel a manipulação de dados científicos e a cooptação da própria ciência por grandes empresas exercem nesse cenário. A gente só torce para que esses estudos, e as ações depois deles, sejam mais rápidas do que o ritmo das COPs.

ENCERRAMENTO

THEO: Esse episódio do Ciência Suja foi escrito pela Chloé Pinheiro, e apresentado pela Meghie Rodrigues, que também fez as entrevistas com as fontes.

THEO: A edição e a sonorização são do Caio Santos.

THEO: O roteiro foi editado por mim, Theo Ruprecht, com apoio da Chloé e do resto do grupo.

THEO: As vozes complementares são de Betina Neves, Isabela Neves e Isis Dellapreve. Muito obrigado, gente.

THEO: O Ciência Suja tem apoio do Instituto Serrapilheira, que fomenta a pesquisa e a divulgação científica no Brasil.